

Cintya Maria Costa Rodrigues*

A região da aldeia:

os pressupostos geográfico-espaciais da literatura goiana e a construção do Sudoeste de Goiás

RESUMO: Este trabalho se debruça sobre a literatura goiana e, especialmente, nos textos que trazem a referência do Sudoeste de Goiás como espaço simbólico de reconhecida especificidade cultural. Partimos da identificação e discussão das categorias que fundamentaram as interpretações da História Literária de Goiás, mostrando a influência da Geografia e das abordagens da História Literária Brasileira nas delimitações dos espaços e produções culturais goianas, para então focalizarmos a interpretação emblemática de Basileu Toledo França em Sudoeste: Tentativa de Interpretação. A obra de França revela a construção particular do espaço sudoestino e os vínculos institucionais e políticos que estiveram presentes em sua elaboração. Mostra ainda, como os propósitos intelectuais desse escritor de realizar pesquisa e literatura encontraram a realidade do Sudoeste de Goiás.

Palavras-chave: Simbólica de espaços e lugares, literatura goiana, escritores locais.

As primeiras tentativas mais sistematizadas de construção de uma história literária em Goiás aconteceram na década de 1960 e revelaram nomes de escritores e historiadores que passaram a ser reconhecidos como expoentes desse ofício. Entre eles, destacam-se aqueles que mais se envolveram na organização das sínteses histórico-literárias: Gilberto Mendonça Teles, Modesto Gomes, Antonio Geraldo Ramos Jubé e Victor de Carvalho Ramos.

A história literária produzida por esses estudiosos representa, no contexto de época de Goiás, o empenho coletivo dos intelectuais em retratar as produções literárias goianas, seguindo certas orientações historiográficas e culturais encontradas nas interpretações da história da literatura brasileira. Esses primeiros estudos mais específicos têm em comum a abordagem da história como fonte e princípio de uma cronologia. Como fonte, procuraram destacar o processo de povoamento e ocupação do território goiano, seguindo os estudos

historiográficos já desenvolvidos, para explicar as manifestações culturais, valorizando os acontecimentos históricos, políticos e econômicos como culturalmente significativos. Esses estudos também adotaram a seqüência lógica das datas e o critério de origem, para recortar e classificar os autores e as produções literárias goianas. Quanto ao gênero, apesar de identificarem características das diferentes modalidades de literatura desenvolvidas no país a história literária goiana acaba enquadrando os autores e obras como modernistas ou regionalistas. Ao adotar os parâmetros da história literária brasileira, essa interpretação regional deparou-se com obstáculos para integrar-se aos objetivos de construção da nação, inscritos nas interpretações da história literária brasileira. Uma das dificuldades encontradas nesse momento de formulação de uma literatura goiana, diz respeito aos critérios de classificação dos autores do ponto de vista de suas origens, uma vez que, nesse enfoque, a origem ingressa como um valor fundamental de explicação da produção literária desenvolvida em Goiás.

Nesse aspecto, nota-se uma certa dúvida entre os intérpretes goianos ao definirem os autores como escritores dessa terra, ora pelo nascimento no solo goiano, ora pelo registro da realidade goiana em suas obras. Emerge dessa dificuldade a questão de como atender a um projeto de literatura *autenticamente goiana*, numa formação sócio-histórica marcada pelo povoamento de contingentes de várias regiões do país, tal era a situação com a qual as primeiras tentativas de síntese se depararam.

Os historiadores da literatura desse período viram nos escritores do passado, sobretudo, aqueles que já apresentavam algum destaque na literatura nacional, a sinalização para o reconhecimento da produção cultural. Tal reconhecimento pressupôs a adoção de certos princípios já definidos pelos autores do passado, como Hugo de Carvalho Ramos, que afirmam a realidade regional e local como espaço de referência literária e atuação política e cultural do escritor goiano.

Uma outra dificuldade que se interpôs para os intérpretes do período destacado, foi como lidar com o descompasso que eles próprios identificaram entre a literatura nacional e aquela que eles se empenhavam em organizar. Segundo esses intérpretes, enquanto nas outras regiões do Brasil certos gêneros, como o romantismo, o realismo e o simbolismo, já haviam desaparecido, em Goiás, os autores pareciam ignorar a dinâmica literária nacional.

A ausência de uma sintonia - no sentido de desnível - entre literatura goiana e a literatura nacional foi vista como sinônimo de provincianismo e atraso de uma sociedade marcada pela atividade agropastoril. Essa atividade

econômica ao mesmo tempo em que foi responsável pela vinculação do homem às terras goianas, representava um empecilho ao desenvolvimento de uma consciência para as artes e a cultura.

Ao lidar com essas questões da formação da literatura em Goiás, a história literária participou, paralelamente, do processo de afirmação de uma identidade política e cultural regional, incluindo-se no projeto mais amplo de afirmação do *ser nacional*, no qual se inscreve a história literária brasileira.¹

Como parte das tentativas de interpretar as produções literárias em Goiás e das questões que emergiram desse processo, uma das abordagens que se destaca é a que trata da formação de “áreas culturais” na realidade sócio-cultural do Estado. O modo como escritores e historiadores literários utilizaram os conceitos de “zona” “região” ou “área”, para identificarem a formação de espaços culturais circunscritos, indica a presença de categorias geográficas na interpretação da cultura. A delimitação em áreas culturais ajudou a identificar os espaços de produção literária e, ao mesmo tempo, influenciaram o modo de ver a cultura, nos limites geográficos do estado.²

Utilizando também como suporte explicativo os estudos de povoamento e migração desenvolvidos pela historiografia, e as divisões fisiográficas das regiões, a história literária elegeu espaços homogêneos e particularizados de cultura, visando um tipo de mapeamento das manifestações culturais, sobretudo literárias. Uma das conseqüências dessas distinções geográfico-culturais foi contribuir para que partes do território do estado fossem tidas como mais propensas a concentração de formas culturais “avançadas”. Os princípios de heterogeneidade e diferenciação que sustentaram as relações entre as áreas e sobre os quais se firmou um conceito particular de cultura não foram suficientes para eliminar as conseqüências hierarquizantes que a interpretação baseada em áreas culturais ajudou a instituir.

Os textos que circunscrevem as áreas culturais, de uma forma mais específica, poderiam passar despercebidos em uma análise da história literária de Goiás, por não ter gerado debate significativo entre os historiadores da literatura da época. No entanto, quando o enfoque interpretativo destaca as produções textuais locais, tais textos surgem como referências, significativamente. Portanto, mesmo sendo questionável a definição de área cultural que serviu de suporte explicativo para a abordagem em discussão, mostrou-se interessante saber, por que se adota, nessa interpretação cultural da literatura, um conceito superado para a explicação das semelhanças e diferenças culturais. Tornou-se importante conhecer também os desdobramentos da abordagem geográfica

¹ Uma discussão sobre a história da literatura brasileira, nessa perspectiva, encontra-se em (VENTURA, 1991).

² As interpretações da história literária regional destacadas foram aquelas formuladas e divulgadas na década de 1960 – momento em que os estudos nessa área sobre Goiás apresentavam-se mais sistematizados e quando se percebe um empenho coletivo de intérpretes em construir tal história.

da cultura a partir das leituras dos escritores da região sudoeste de Goiás que, muitas vezes, ao escreverem sobre os lugares, sustentaram-se nos conceitos - mais literais - de região e área cultural para construir suas interpretações. Destaca-se na análise desse aspecto, o escritor Basileu Toledo França e sua obra: *O sudoeste: tentativa de interpretação* (1959) como um caso exemplar em que a realidade regional – o sudoeste de Goiás – constitui o espaço exclusivo para estudos e realização literária.³

Não se pode perder de vista que, a abordagem centrada em “áreas culturais” da história literária goiana também colabora na criação ideológica do espaço de atuação do escritor regional. Alguns escritores encontraram nessa forma de interpretação a oportunidade de adotar as regiões como espaço para a atuação política e literária. Esse aspecto aproxima a discussão aqui seguida à análise de Said (1995) quando pontualmente diz que os escritores, “estão profundamente ligados à história de suas sociedades, moldando e moldados por essa história e suas experiências sociais em diferentes graus”. A obra desse escritor sobre o imperialismo e a sua proposta de uma *análise geográfica da experiência histórica* ajudou a fundamentar a discussão que aqui se desenvolve. A construção da região sudoeste é resultado de processos históricos específicos e de políticas governamentais, mas é, sobretudo, produto de interpretações que elegeram e individualizaram algumas vantagens históricas e geográficas para essa região. A história literária, na tentativa de produzir sínteses culturais, considerou a história econômica e demográfica do estado, reproduzindo a hierarquia entre regiões com profundas implicações socioculturais e influenciou as produções textuais locais.

A perspectiva geográfica da história literária em Goiás

O conceito de área cultural na geografia emerge em um momento histórico da disciplina que coincide com a transição de uma geografia positivista para uma nova geografia, no início do século XX. É um momento em que ocorre uma mudança metodológica marcada pela superação de uma forma de ver o espaço – a partir das descrições das diferenças espaciais, para uma percepção mais explicativa (Silveira, 1990, p. 23).

Segundo a definição adotada por Silveira (1990), o conceito geográfico de área é resultado de uma diferenciação realizada pelo observador, de um espaço delimitado. Nessa definição, destaca-se o fato de a área constituir um espaço construído pelo pesquisador, que o distingue segundo seus objetivos metodológicos. Dessa forma, a área é uma construção, um instrumento de análise, e se diferencia de região ou território, que correspondem à realidade objetiva.

³ Este artigo é uma versão resumida do primeiro capítulo de minha tese de doutorado intitulada “Histórias sobre os lugares, histórias fora de lugar? Os escritores e a literatura do sudoeste de Goiás. PPGCS/IFCH/UNICAMP, 2006.

No âmbito da antropologia, o conceito de área foi incorporado pelos antropólogos americanos ligados a Franz Boas, na década de 1920. Inicialmente, o conceito de área cultural foi adotado pelos museus etnográficos americanos nos estudos sistemáticos que subsidiaram as exposições museológicas. Sua aplicação possibilitava a disposição e distribuição espacial dos elementos de uma cultura nas exposições, ajudando a definir as unidades de exposição para a apresentação dos objetos em espaços específicos. Dessa primeira utilização, o conceito passou a ser adotado por alguns antropólogos boasianos (Wissler, Kroeber, Lowie e outros) para explicar os processos de transmissão e difusão cultural. A definição das áreas culturais previa, metodologicamente, a identificação dos traços ou conjuntos de traços culturais, conforme certos procedimentos:

De um lado, estabelece-se, por exemplo, sob a forma cartográfica, a distribuição no espaço de um traço, de um grupo de traços ou de um complexo cultural. De outro, os desaparecimentos, os empobrecimentos, as transformações, que atinge um grupo de traços ou um determinado complexo cultural, tentam-se definir os percursos e centros de difusão. Enfim, comparando sociedades particulares ou espaços sociais mais amplos, observando a presença ou ausência de traços característicos, procura-se descobrir as relações históricas que existiram entre essas sociedades ou entre espaços sócio-culturais. (Mercier, 1974, p. 60).

Entretanto, conceito de área cultural, aplicado pelos antropólogos americanos, apresentou limitações e fragilidades explicativas que redundaram em críticas ferrenhas no campo disciplinar. Sobressaem, em primeiro plano, aquelas que acusam o caráter determinista do conceito, identificado pela sobreposição do aspecto geográfico ao cultural, ao considerar o meio físico na análise das culturas. Outro aspecto, criticado por trazer complicações para a análise antropológica das culturas, diz respeito à relação espaço-tempo, à correlação entre distância e duração: nesse conceito, as desigualdades do espaço corresponderiam às diferenças no tempo. Assim, como uma categoria explicativa dos processos culturais e das culturas, o conceito de área cultural mostrou-se inadequado, quando se trata de analisar as diferenças e as semelhanças culturais. Ao postular a proximidade entre distância geográfica e histórica, como uma explicação válida para a análise das semelhanças e diferenças entre as culturas, o conceito simplificou a análise cultural em uma relação de contigüidade. Como afirma Harris (1978, p. 327), ao discutir as limitações e críticas ao conceito de área cultural, “entre

distancia y tipo cultural no hay una relación simple. De hecho, todos los evolucionistas estarían de acuerdo en que hay una receptividad diferencial a las influencias culturales que es independiente de la distancia”.

Em seus artigos, “Atualidade do romance em Goiás” e “A linguagem em Goiás”, ambos de 1965, o escritor e crítico literário Gilberto Mendonça Teles, emprega os conceitos de área cultural e zona cultural e sustenta que, a situação geográfica de Goiás é um fator a ser considerado na análise de sua formação cultural e na identificação das manifestações literárias.⁴ Para Teles, a centralidade geográfica do estado e a situação de confronto com outras regiões (Piauí, Bahia, Maranhão, Pará, Mato Grosso, Minas Gerais) expôs Goiás aos processos migratórios que o povoaram de pessoas vindas dessas diferentes regiões brasileiras. Em diferentes momentos históricos, esses imigrantes foram induzidos tanto pela iniciativa estatal (a construção de Goiânia e Brasília, a expansão dos projetos econômicos desenvolvimentistas e colonizadores para a região Centro-Oeste), quanto pelas relações propiciadas pela proximidade inter-regional.⁵

Uma simples leitura do mapa goiano nos mostrará, pela movimentação hidrográfica, pela situação do planalto e das planícies e pela densidade demográfica irregularmente distribuída, uma série de áreas perfeitamente delineadas e que, conhecidas nas suas características econômico-sociais, podem ser tomadas como “zonas culturais” do Estado. E não é à toa que existe no norte de Goiás um movimento separatista, de certo modo romântico, mas que não deixa de possuir as suas raízes em bases perfeitamente justas e coordenadas (TELES, 1995 p. 223).

⁴ “A linguagem em Goiás” foi apresentado na forma de comunicação no XI Congresso de Linguística e Filologia Românicas, realizado em Madri, em 1965 e, posteriormente, incluído no livro “A crítica e o princípio do prazer”. (TELES, 1995. p. 395-412).

⁵ É importante assinalar que, nesses artigos em que há referências à delimitação de zonas culturais, o escritor refere-se também aos seus trabalhos, desenvolvidos até o início da década de 1960, na Inspeção Regional de Estatística do IBGE em Goiânia.

Desse processo de ocupação e povoamento, resultou que o norte do estado formou-se pelos nortistas e baianos e o planalto, a região sul, a sudeste e a oeste, por mineiros, paulistas e, mais recentemente, por grupos de nordestinos:

[...] todo o território goiano no norte e nordeste, quase 400 mil km² de terras, foi povoado através do gado, tanguado por nordestinos e baianos, à procura de novas terras e pastagens [...] Levando as suas boiadas pelos campos gerais, seguindo o curso do Rio São Francisco, os vaqueiros da Bahia, do Piauí, do Maranhão e do Ceará atingiram as terras goianas e ali se foram radicando, constituindo áreas culturais que resistem ainda hoje às influências do sul do Estado, onde se localiza a capital, situada a duzentos quilômetros de Brasília (TELES, 1995, p. 403).

As zonas mais povoadas do Estado, além do centro, onde se encontra a capital, são justamente as do Sul e Sudoeste, onde a antropônimo, os oragos, a toponímia, a vida comercial e mesmo educacional têm relações com algumas cidades do triângulo mineiro (TELES, 1995, p. 400).

Para Teles, os processos de povoamento de Goiás propiciaram a aglutinação de pessoas de origem cultural semelhante e formaram “áreas culturais”. As áreas, localizadas em diferentes partes do estado, receberam nomeações geográficas e foram denominadas como norte, nordeste, leste, oeste e centro-sul. Não obstante tal denominação é possível encontrar, em outros trabalhos do autor, outras referências a áreas com o nome de planalto, sudoeste e sul. A origem dos grupos que povoaram essas regiões goianas está inserida na demarcação do estado.

Nas interpretações da história literária, encontra-se também a referência ao *ciclo do boi* como um processo civilizador, que fez as populações de fora do estado criarem raízes no território goiano. No entanto, esse ciclo é referido como um processo inicial de povoamento e, segundo Teles (1995), as influências culturais não se encerraram nos processos iniciais de povoamento. Elas continuaram se estabelecendo através dos tempos, pela proximidade geográfica das regiões de Goiás com as de outros estados.

Basicamente, as distinções de Teles remodelam uma diferenciação mais ampla entre o norte e o sul de Goiás - haja vista, o fato de que suas análises realizaram-se em anos anteriores à formação do estado do Tocantins - e carregam separações históricas entre essas duas grandes áreas geográficas de Goiás, já tratadas pela historiografia regional. A história de Goiás registra os movimentos políticos havidos no estado, do período da independência do país, que identificou o caso da secessão do norte “como o de maior força e expressão no cenário político da Província”. Entretanto, alguns escritores goianos referem-se a essa região como uma unidade, dando destaque à sua situação geográfica segregada como um entrave ao acesso às melhorias culturais propiciadas pela capital. Os jornais das décadas de 1950 e 1960 pesquisados, mostram que essa distinção norte e sul representava um modo de ver o espaço do estado, quando os assuntos tratavam, sobretudo, da política, da economia e das manifestações culturais.⁶

Para o escritor, as diferenças entre as regiões também são explicadas pelos fatores geográficos que, de certa forma, facilitaram o deslocamento e a permanência das populações nas regiões goianas próximas aos limites dos estados de origem e pelos fatores econômicos e migratórios que impulsionaram o deslocamento da expansão populacional de diversas regiões brasileiras para

⁶ Sobre o movimento separatista do norte, ver LACERDA (1973) e BRASIL (s.d. p. 93 – 101).

Goiás e todo o Centro-Oeste. Entretanto, as características geográficas que delimitaram as zonas culturais e teceram as relações entre regiões pela distância em função dos centros irradiadores da cultura deixam entrever as distinções culturais. A região centro-sul, de uma forma mais abrangente, destaca-se pela proximidade de Brasília e das regiões mais desenvolvidas do país e por abrigar a capital do estado. A região norte caracteriza-se pelo seu isolamento cultural, geográfico e econômico em relação aos espaços de promoção da cultura e da literatura no estado. Assim, foi nas áreas povoadas sobretudo por mineiros e paulistas que se incluem no centro-sul que se registraram as primeiras manifestações literárias consideradas “autenticamente goianas”.

A interpretação de Teles, centrada nos processos de povoamento definidos pela historiografia goiana, assinala, por um lado, a diversidade cultural do estado, centrada em suas “áreas culturais” – de norte a sul –, apontando a uma heterogeneidade como um elemento positivo da formação cultural de Goiás. Por outro lado, concentra tal diversidade numa visão bastante particular na região centro-sul, qualificando-a como “a região mais brasileira de Goiás”, onde, segundo o escritor, se realizaria a síntese cultural do estado e do Brasil. A importância cultural do centro-sul de Goiás se firma, portanto, por uma caracterização cultural que considera a separação do norte pela via do isolamento geográfico.

É importante ressaltar que, as primeiras análises historiográficas sobre Goiás já demarcavam as diferenças entre os dois pólos de povoamento regionais – o do norte e o do sul:

Que o norte de Goiás é um velhíssimo reduto pecuário provam-lhes os fatos... essa região teve seu esplendor nos séculos que se foram e sustentou seu predomínio até quando da cessação da iniciativa de Couto Magalhães, organizando o serviço de navegação dos rios. A mencionada zona limítrofe com mais comércio com os Estados vizinhos do que com o sul goiano, onde se estende o lençol de Jaraguá, tal se fosse a espinha dorsal da pecuária do alto Araxá (Brasil apud FRANÇA, 1979, p. 59).

A citação de Americano do Brasil, transcrita por Basileu Toledo França no ensaio “Cavalo de Rodas” não apenas retrata a anterioridade de uma distinção que os estudos dos processos de povoamento da historiografia goiana apresentaram. Ao inserir o texto de Americano do Brasil no cerne de uma discussão sobre o advento da modernização em Goiás, através da entrada do

automóvel em território goiano, França problematiza o fato de duas grandes regiões goianas, separadas pelo isolamento geográfico e pelas diferenças, inclusive cronológicas, do processo de povoamento, terem presenciado em momentos distintos o advento comum do automóvel. A distância inter-regional e a extensão territorial de Goiás fizeram que, segundo França, uma mesma inovação tecnológica ingressasse em território goiano com treze anos de intervalo. França ressalta, em sua análise, a particularidade de o sudoeste ter saído na frente na história do automóvel em Goiás, considerado um divisor de águas para a modernização, em detrimento da região norte, onde o povoamento foi anterior. Aqui se nota que a “fase de esplendor” do norte, de que fala Americano do Brasil faz parte de um passado pouco considerado nas análises mais recentes da história literária goiana, apontando as produções como isoladas (FRANÇA, 1979, p. 59-67).

Um fato curioso, as duas áreas não tinham contacto, a não ser esporádico e penoso, sendo alcançadas pelo automóvel em épocas diversas e por razões inteiramente diferentes. No norte – devido ao isolamento maior imposto pela geografia – a chegada de automotores ocorreu pouco depois da Revolução Outubrista de 1930, que interrompeu por 40 anos aproximadamente o ciclo do progresso que se anunciava de modo auspicioso, com a via iniciada para ligar o vale do Tocantins ao vale do São Francisco (FRANÇA, 1979, p. 59).

De outra parte, cá no sudoeste as coisas andaram mais rápidas, como permitiam o espaço geográfico e os antecedentes históricos, constituindo-se a iniciativa da penetração do cavalo de rodas não simples feito individual, embora isto seja por si só de relevante importância, mas resultado de empreendimentos que, além de envolver dois homens de modo particular – Ronan Rodrigues Borges e Sidney Pereira de Almeida – talvez seja a maior demonstração coletiva de ato solidário e empenho conjunto, ocorridos até hoje naquela área de 80.000km², que vai das margens do Paranaíba, a leste, às águas do alto Araguaia, a oeste, e lagoa radioativa do Aporé, no sul (FRANÇA, 1979, p. 62).

A construção de Goiânia trouxe, segundo Teles, a possibilidade da centralidade da cultura das letras no estado e imprimiu à região centro-sul um caráter peculiar, impondo à interpretação geográfica da cultura outras

implicações, agora sob a influência da noção de centro. Não obstante o empenho da história literária em considerar as áreas geográfico-culturais na produção cultural do estado, é perceptível como a centralidade da capital foi objeto de uma construção discursiva que deu mais consistência e continuidade às vantagens históricas do centro-sul:

[...] apesar de existirem no norte de Goiás algumas cidades antigas e de certa importância histórica, como Porto Nacional, Tocantinópolis, Dianópolis (Cp. O romance O tronco de Bernardo Elis), Natividade e Arraias, o certo é que o norte goiano, obrigado a sujeitar-se ao seu isolamento geográfico, não pôde beneficiar-se dos raros empreendimentos culturais que tiveram as cidades do centro e do sul, mais próximas da Capital [...] (TELES, 1969, p.24).

No “Balço artístico-literário de Goiás em 1964” Teles (1965) utiliza a delimitação do município para localizar os acontecimentos literários e artísticos de maior destaque do ano em Goiás. Nesse artigo, o autor considera Goiânia, por sua centralidade, pólo de concentração dos eventos mais significativos:

Em que pesem às 222 cidades (sedes de municípios) existentes no Estado de Goiás, é naturalmente a Capital, Goiânia, a cidade onde se verificou a grande totalidade desses acontecimentos que são, por diversas razões, os de maior densidade e valor para o crescimento intelectual do Estado.

Cidades como Inhumas, Morrinhos, Catalão, Jataí, Porto Nacional, Goiás (Vila Boa) e algumas outras tiveram também os seus acontecimentos artísticos e literários, válidos para a região, mas situados, de certa forma, em nível inferior ao nível cultural já alcançado em Goiânia.⁷

Entretanto, em uma nota de texto de 1963, Teles (1983, p. 34) pondera a centralidade da capital:

É interessante lembrar que Goiânia, com trinta anos de existência, ainda não está cumprindo rigorosamente a sua função centralizadora, no sentido de unificação das forças econômico-sociais do Estado, havendo regiões (como o Sudoeste, o Norte e o Nordeste) cujos contatos culturais e econômicos se têm verificado com o Triângulo

⁷ Artigo publicado no Suplemento Literário do jornal *O Popular* (3 jan. 1965) em Teles (1995, p. 62).

Mineiro, com Belém do Pará e com Barreiras (BA), respectivamente. De certo modo, a capital do Sudoeste tem sido Uberlândia ou Uberaba, enquanto Araguari até há pouco centralizava a região Sul (Nota de 1963).⁸

Em 1965, Teles (1983, p. 163) minimiza os argumentos de 1963, resgatando a posição de vanguarda cultural e literária da capital:

E apesar de não ter conseguido ainda tornar-se um centro econômico e cultural de Goiás, conforme salientamos no capítulo I, nota 3, a sua posição de vanguarda é hoje um fato indiscutível, não só por se encontrarem aqui os nossos melhores escritores, mas pela localização do ensino universitário, pela proximidade de Brasília e, também, pela nova orientação política do atual Governo (TELES, 1983, p. 34).

Apesar do cuidado de Teles ao comentar, nos artigos de 1965, as regiões norte e sul do estado, o modo como aborda a situação da área mais ampla do centro-sul, que abriga a capital, demonstra que muitas áreas culturais não se encontravam plenamente integradas a esse centro. Embora a nota – escrita em 1963 – referira-se aos aspectos econômicos, o texto deixa entrever as relações culturais estabelecidas com as regiões de outros estados. Portanto, pode-se concluir, a partir de Teles, que a centralidade de Goiânia esbarrou na estrutura econômica e sociocultural das áreas estabelecidas antes da sua construção e que a sobreposição entre “conteúdo cultural de uma região” e “produções literárias regionais” que se entrevê na interpretação da história literária de Goiás, traz algumas dificuldades.

No segundo artigo citado, “A linguagem em Goiás”, o conceito de “zonas culturais” é reforçado por uma análise que tem a geografia lingüística como fundamento. Através da análise da obra de Hugo de Carvalho Ramos, “Tropas e boiadas”, Teles identifica uma “área lexical da língua portuguesa na região central do Brasil” formada pela diversidade lingüística das diferentes populações que constituíram os núcleos culturais, particularizando-os em termos de variação lingüística. A atenção do autor também se volta para a região centro-sul, onde uma singularidade firmada na diversidade cultural ali formada é o fundamento para a síntese cultural. Nota-se, por si, que idéia de síntese do autor também recebe uma influência geográfica, ao concentrar na região centro-sul, onde se situa a capital, o espaço da formação de uma linguagem cujo conteúdo é a representação da “região mais brasileira do País” (1995 p. 406). Ainda discutindo a linguagem em Goiás, Teles fala de

⁸ Gilberto Mendonça Teles, *A poesia em Goiás*. Goiânia, Editora UFG, 1983, 2ª edição, p. 34.

uma “síntese natural” decorrente do processo de povoamento, pelo que Goiás constitui-se num espaço de cruzamento de diferentes correntes de ocupação humana do país e lança a hipótese da formação de um grande “denominador comum da fala brasileira”. E nessa análise, mostra que, mesmo guiado por uma idéia positiva de diversidade cultural, Teles não se desprende da abordagem que delimita as áreas culturais.

Ao tecer as caracterizações das “áreas culturais”, Teles apresenta um quadro do estado e prepara a análise para receber e, de certa forma, localizar as produções literárias. A literatura goiana recebe um marco definido por acontecimentos históricos, que distingue as produções anteriores e posteriores a 1930 e antes e depois do surgimento de Goiânia e Brasília. Assim, se a literatura goiana é vista por esse escritor espacialmente, circunscrita às regiões culturais do estado, ela se acha temporalmente delimitada por dois acontecimentos históricos: a revolução de 1930 e a construção das capitais. A demarcação temporal divide, da mesma forma, as produções culturais, visto que, em Goiás, segundo esse escritor, pode-se falar verdadeiramente da constituição de uma literatura goiana após esses acontecimentos, tendo como centro definido a região da capital.

A abordagem de Teles sobre a literatura goiana, também sofre influências da interpretação da literatura brasileira que parte da formulação das “ilhas culturais” no território brasileiro, para fundamentar a análise das particularidades culturais e literárias. Sobre essa influência, a interpretação do escritor Vianna Moog é a referência principal:⁹

Fragmente-se o Brasil em regiões onde predominem o mesmo clima, a mesma geografia, as mesmas formas de produção e o problema ficará imediatamente simplificado. Lá onde esses fatores se conjuguem numa certa uniformidade, pode ter-se a certeza de que se há de encontrar um núcleo cultural homogêneo e definido, formando como que uma unidade à parte no conjunto da literatura brasileira. Porque, sob este ângulo, apesar da continuidade do território, não constituímos um continente; somos antes um arquipélago cultural. Com muitas ilhas de cultura mais ou menos autônomas e diferenciadas (Moog, 1966 p. 110).

⁹ A conferência “Interpretação da Literatura Brasileira” foi proferida por Vianna Moog no Salão de Conferências do Ministério das Relações Exteriores, a convite da Casa do Estudante do Brasil, em 29 de outubro de 1942, e publicada no volume X da coletânea *Obras de Vianna Moog* que recebeu o título de *Uma Interpretação da Literatura Brasileira e outros escritos* (Vianna Moog, 1966).

Em Goiás, as idéias do escritor Vianna Moog influenciaram a interpretação da história da literatura e forneceram outra base interpretativa para a análise da literatura, também centrada no conceito de literatura como cultura. A noção

do espaço brasileiro como um espaço cultural heterogêneo, formado por áreas geográficas díspares, uma espécie de ilhas de cultura a produzir cada uma um tipo de literatura, foi fundamental para a interpretação regional que vê nas regiões goianas, núcleos culturais importantes para a formação da literatura que ali se produziu e também para uma história da literatura envolvida na interpretação das produções literárias. Ao lado dessa imagem de espaço heterogêneo, com o advento da nova capital goiana, a noção de um centro na constelação das áreas mantém o sentido hierárquico e desigual do suposto sistema. Em Goiás, a centralidade cultural de Goiânia é construída apesar do reconhecimento de um universo cultural heterogêneo.

Crítico das interpretações cronológicas da literatura brasileira, Vianna Moog propõe, em *Uma Interpretação da Literatura Brasileira* a interpretação geograficamente descentralizada dos *núcleos culturais* compreendidos como unidades de cultura detentoras de uma certa homogeneidade. Vianna Moog, elege sete ilhas culturais de onde se fundamentaria uma caracterização da literatura brasileira. Para ele, a idéia de um sistema interpretativo, tal como um “arquipélago” formado por ilhas culturais homogêneas e autônomas, seria melhor adequado à realidade literária brasileira. A cada um dos sete núcleos culturais, arbitrados por Vianna Moog, corresponderia um tipo de literatura: a amazônica, telúrica; a nordestina, social; a bahiana, erudita; a mineira, geográfica e humanística; a paulista, bandeirante; a riograndense, regional e universal; a metropolitana, que corresponde à capital brasileira da época – Rio de Janeiro - caracteriza-se como “centrada na ironia”.

Os sete núcleos propostos também correspondem, segundo Vianna Moog, às grandes realidades brasileiras. É importante notar como uma idéia de uma totalidade emerge de sua definição de núcleos culturais:

[...] que as sete ilhas de nosso arquipélago cultural são as grandes realidades brasileiras; que através delas os nossos fenômenos sociais se aclaram por si mesmos, os históricos como os econômicos, os políticos como os literários, assim como fora delas se tornam confusos, intrincados, obscuros. Esses núcleos culturais explicam, tanto as nossas lutas de tendência separatista, como as grandes e pequenas rivalidades no domínio das letras (Moog, 1966 p. 128).

Um dos desdobramentos da abordagem sobre as *ilhas de cultura* diz respeito aos escritores e aos seus vínculos com tais unidades geográficas e culturais:

Fora do seu núcleo cultural o escritor, a menos que traga o seu núcleo entranhado na alma, corre o risco de corromper-se. Conserva a habilidade, extingue-lhe porém o fogo interior. O homem sem núcleo cultural, como o sem religião e o sem pátria, é uma utopia, quando não uma indignidade. Ai dos que se deixam moralmente desenraizar, dos que não trazem em suas vestes a poeira imponderável do seu núcleo de província, essa poeira de cultura que não está somente nos livros, senão também no ar que respiramos, nas imagens que contemplamos, nos tipos humanos com quem primeiro convivemos, nas cruces que velam o sono dos nossos mortos sagrados, nos sinos do campanário de nossas aldeias, na virtude e nos defeitos dos lugares de onde partimos (Moog, 1966 p. 129).

Há outras formulações da história literária de Goiás com outras referências de espaço, que falam de região e não especificamente de área. No entanto, os dois conceitos confundem-se na maioria das definições. Alguns autores utilizam o termo região como estado à região Centro-Oeste; contudo, o objetivo é apresentar os condicionamentos da obra literária e de quem a produz: o escritor regional. Na síntese elaborada por Jubé (1978, p. 10), encontra-se a seguinte definição de região: “Conjunto de peculiaridades geográficas, sociológicas, econômicas, culturais, lingüísticas, que imprimem ao artístico o sinete individualizante”.

O conceito de região formulado por Jubé é aplicado para se referir não às delimitações do estado de Goiás, mas ao Centro-Oeste de forma mais abrangente. Para esse autor, as características culturais da literatura em Goiás não são exclusivas. Existem características culturais identificadas como próprias do estado, ramificadas em toda a região Centro-Oeste. Apesar de mencionar os locais de uma certa homogeneidade cultural, não há um tratamento separado desses espaços de cultura:

Estado integrante da Região Centro-Oeste, de economia baseada na atividade agropastoril, é verdade que tal característica não se qualifica como exclusividade goiana, pois que abrange um vasto território de planaltos extensos, dotados de pastagens naturais propícias ao criatório, cujas lindes vão do norte da Bahia, passando pelo Triângulo Mineiro, e chegam até ao Mato Grosso, de onde partem os

rebanhos rumo aos frigoríficos. Nas obras representativas dos escritores dessa região assinalam-se traços comuns, evidenciando componentes culturais idênticos, encontradiços em mineiros e goianos (Jubé, 1978 p. 11).

O conceito de região traz, em Jubé (1978), diferenciação e particularização circunscrita a limites que não se sustentam nas distinções geográficas até agora discutidas. Sua interpretação traz a relação positiva da sociedade com a arte literária, por um lado, e, por outro, a do escritor e o processo de criação e o significado da realidade nesse processo. Apesar de considerar a vasta área de abrangência de Goiás, não considera de forma delimitada como vimos em Teles e Vianna Moog. As diferenças entre as regiões do estado e os vínculos com regiões de outros estados, relativizam a exclusividade das peculiaridades culturais de Goiás. Para o autor, as características da literatura goiana ultrapassam as delimitações geográficas do estado. A literatura aqui produzida evidencia traços culturais comuns a diferentes regiões e estados. É possível observar que mudam as bases sobre as quais se forja um conceito de cultura goiana: não se trata de pensar a cultura em Goiás como exclusiva, mas de considerar a sua particularidade como o desenvolvimento de um processo cultural mais amplo, que atravessa os limites geográficos do estado.

Não obstante os limites da abordagem centrada no estudo das áreas culturais, outros objetivos, relacionados ao mapeamento e à catalogação da literatura justificam a construção dos núcleos culturais. Esses objetivos estiveram presentes nessas delimitações, com a intenção de registrar as produções literárias e seus autores. A discussão sobre a constituição da unidade cultural-literária em Goiás incluiu a idéia de um resgate do passado, para a constituição de um acervo geral de obras e autores por regiões. A idéia do mapeamento das produções culturais teve também como fim a identificação de uma realidade desconhecida, o resgate da memória cultural do estado, através da identificação da literatura oculta pelo isolamento geográfico.

Na perspectiva de Teles e Vianna Moog, a iniciativa de escritores que se dedicam, tanto a um levantamento das produções literárias da sua região, quanto à realização de trabalhos restritos às localidades é defendida e incentivada. É nesse sentido que se estabelece a aproximação entre a identificação das áreas culturais e o propósito de valorizar iniciativas individuais de escritores em suas regiões, em registrar e construir a história local. Teles (1983, p. 187), embora utilize o conceito de área, aproxima-o do conceito de região; e o escritor, aproxima-o das condições objetivas de um lugar:

Coelho Vaz já nos deu uma coletânea de escritores catalanos (Vultos catalanos), 1959, obra excelente para o estudo regional das letras goianas... Aliás esse exemplo de Coelho Vaz, que encontra paralelo na obra de Basileu T. França, deveria ser imitado em todos os municípios, para que se possa, no futuro, traçar o mapa cultural do Estado de Goiás.

Não se pode afirmar, com certeza, se essa valorização do papel do escritor goiano resultou nas publicações literárias locais. No entanto, é possível dizer, pelas histórias publicadas sobre a região sudoeste de Goiás, que a positividade conferida a tais iniciativas relaciona-se diretamente com o número de obras e escritores envolvidos na escrita das histórias locais. Qualquer iniciativa de escritores, vinculados aos seus municípios de origem, de organizar as produções literárias locais ou mesmo de dedicar-se à escritura de obras de cunho local é incentivada e apontada como exemplos de caminho a ser seguido nas letras goianas. Qualquer interesse manifesto de catalogação de âmbito estadual, tem reflexos nos espaços geograficamente delimitados das localidades. Escritores se empenham em caracterizar a sua região traçando a sua importância cultural, política e econômica particular. É o que se vê no caso do escritor que adota determinada região como *locus* da escritura literária e acaba fortalecendo a idéia de região cultural e concentrando em si a autoridade do conhecimento cultural regional ao fazer convergir para si a figura do historiador local, do sábio do lugar etc. O mapeamento cultural é um item na tentativa de dar unidade regional para os lugares, destacando escritores antigos e trazendo ao pertencimento de cada região autores que por lá passaram. Percebe-se, dessa forma, que a caracterização cultural é um item importante de fortalecimento da região geográfica, que está implícito nos projetos e elaborações da história literária em Goiás.

É o que ocorre com o escritor Basileu Toledo França. Em seu livro *Cadeira nº15*, de 1971, ele inclui artigos sobre os escritores que, segundo afirma, tiveram uma passagem pelas terras sudoestinas, como Crispiniano Tavares, Visconde de Taunay, José Godoy Garcia e outros. França também publica um livro, sobre a poetisa Leodegária de Jesus, destacando o fato de essa escritora ter vivido em Jataí, no sudoeste, e produzido as suas poesias quando vivia nas terras sudoestinas (FRANÇA, 1971, 1996).

Essa iniciativa de França, de aproximar nomes de destaque na literatura nacional para Goiás e o sudoeste inclui-se em seus propósitos de construção da especificidade da região. Ao traçar o esboço de uma história literária formulada pelas *passagens*, esse autor fundamenta a sua idéia sobre como deve ser o escritor de uma região.

A relação do escritor com os lugares: o sentido da noção de *aldeia*

O escritor Basileu T. França consolidou a sua carreira intelectual como um escritor da região sudoeste de Goiás. Produziu mais de dez livros e artigos tratando de diferentes aspectos dessa região e tem o seu nome reconhecido entre os seus confrades da Academia Goiana de Letras como um pesquisador e escritor profundamente vinculado à realidade sudoestina. Trata-se de uma adoção do percurso intelectual desse escritor que se firma pela relação com a terra natal e pelo interesse pelos temas da memória e da mudança social. Essa opção declarada do sudoeste goiano se sustenta na visão que tem sobre o papel do escritor em sua realidade, substancializada pela idéia de *aldeia* e na compreensão da importância (política, econômica, social, cultural, geográfica e histórica) da região sudoeste para o estado de Goiás:

Como filho de uma das regiões mais ricas, belas e promissoras do Estado de Goiás, que é o Sudoeste, não temos feito outra coisa senão pintar a nossa aldeia, como aconselhou o grande escritor. Descendente de rudes e modestos vaqueiros de Minas, que desbravaram no século passado aquela imensa área, povoando-a, o que veio consolidar as conquistas depredatórias dos Bandeirantes, aprendemos desde cedo a sentir e admirar a obra sem alarde dessa gente que Euclides da Cunha, em uma síntese luminosa retratou assim de corpo inteiro: “Bravo e destemeroso como o primeiro (bandeirante), resignado e tenaz como o segundo (jesuíta), tinha a vantagem de um atributo supletivo que faltou a ambos: a fixação no solo (FRANÇA, 1978, p. 75).

O discurso de posse de França, na Academia Goiana de Letras, proferido em 28 de maio de 1965, expressa as idéias do escritor nesse assunto em discussão:

Pioneiros, o nosso primeiro romance, publicado em 1954, demonstra cabalmente este esforço – depois continuado e intenso – com que perseguimos um ideal de homem de letras: se não pudermos ser mais nada na vida, gostaríamos de permanecer, só e simplesmente, como escritor daquela região (FRANÇA, 1971, P. 75).

Assim tem sido a nossa atividade e a nossa preocupação maior de sempre: pintar a nossa aldeia e projetá-la, se possível em todos os seus aspectos. Se for uma pretensão inatingível por deficiências pessoais – que as temos e muitas – a história o dirá. De qualquer modo, entretanto, para nós não há outro caminho que nos satisfaça e nos dê o reconhecimento público como prêmio ao trabalho que vamos realizando. Só existe este. E na noite de hoje, cremos sinceramente, os nossos pares confirmam o que ontem era para nós mera suposição. Palmilhamos a estrada certa. (FRANÇA, 1971, p. 77).

França compreende que o seu papel como homem de letras se firma num contexto de transitoriedade – é como ele vê a época em que escreveu o discurso – e reconhece esse papel inserido numa temporalidade e numa espacialidade. É possível perceber o quanto ele estava envolvido em um contexto de época e às idéias que circulavam. Suas palavras refletem e expressam as recentes mudanças políticas e econômicas do Centro-Oeste, desencadeadas pela construção de Brasília. Ele se coloca em sintonia com essas recentes mudanças e à realidade a qual se refere como provedora de temáticas para o intelectual daquele momento histórico.

Em suas explicações, a referência espacial do escritor regional oscila entre uma idéia de região mais ampla – o Planalto Central – e referências mais específicas de Goiás ou da região sudoeste. Há sempre uma referência geográfica na forma de retratar os lugares. Apesar dessa oscilação da realidade geográfica de referência (essa mesma oscilação é indicativa de uma idéia de lugar que se quer passar), é a idéia de “aldeia” que melhor traduz o “desejo”, o “compromisso” ou o “papel” do escritor local e regional:

Ainda hoje, o melhor conselho para quem escreve continua sendo o de Leon Tolstoi: “Pinte a sua aldeia...” Pois, na verdade, os grandes literatos têm alcançado a popularidade e o renome sendo fiéis a sua terra e a sua gente. Partiram do regional para o nacional e – muitas vezes – alcançaram fama em todo mundo (FRANÇA, 1975, p. 74).

O conselho de Tolstoi, mencionado por França, pode ser encontrado em outras obras de autores goianos, em prefácios e orelhas de livros recentes, escrito de diferentes formas. É o caso do prefácio do romance *Tuna*, do sudoestino Sebastião Arantes, escrito por Brasigóis Felício, em 1984:

E este é o caso de Sebastião Arantes, um jovem escritor que, embora tenha residido sempre no interior goiano, lá pelas férteis paragens do sudoeste, nunca se reduziu à timidez inabalável, de ferro, que costuma acometer os que vivem na província – e Goiânia, para quem não sabe, é ainda uma fazenda asfaltada, pelo que revelam os costumes de seus habitantes, principalmente os do segmento a que, pedantesamente, chamamos de “intelectualidade[...]

[...] E não só por isso, mas também pela inventiva da linguagem, que, mesmo reproduzindo a oralidade do meio rural, e o falar caipira-goiano, não se circunscreveu a reproduzir falas e modismos, como o fazem certos pitorescos regionalistas que conheço. Em seu livro, além de contar histórias, o autor entendeu também de denunciar os descabros que, já naquela época, o desgoverno impunha às populações rurais goiano-brasileiras. Pois que o escritor cabe mais do que iniciar os leitores no ludismo às vezes sem conseqüência dos contos e “causos” interessantes; ao escritor cabe também apontar o dedo à chaga, lutar contra as estruturas injustas de sistemas autoritários como o que atualmente desgoverna este país – pois ele, autor, é também um cidadão, além de ser testemunha, depoente das realidades trágicas ou belas de seu meio e tempo (FELÍCIO, 1984, P. 18).

Sebastião Arantes soube, neste seu esforço ficcional, seguir o conselho de Tolstoi: “Descreve a tua aldeia, e relatarás o mundo”. Sem descambar para tentativas egolátricas de fazer vanguardismo, na forma de inocentes e inúteis jogos de palavras (FELÍCIO, 1984, P. 19).

Também aparece no texto de orelha da publicação póstuma do escritor Léo Lynce, escrito por Vera Maria T. Silva, em 2003:

*Se quiser ser universal, descreve a sua aldeia”, dizia Tolstoi. Esta **prosa quase completa** de Léo Lynce, compreendendo suas crônicas jornalísticas e seus discursos, atesta isso. O assunto maior e mais insistentemente repetido nesses artigos é Goiás – suas belezas, suas carências, sua gente. Léo Lynce olha para sua terra e seu povo com um*

olhar entre amoroso e exigente. Compara “sua aldeia” com o mundo, desvela orgulhosamente suas belezas, mas também revolve suas chagas, muitas delas ainda atuais.

[...] Cidadão é aquele que participa da vida de sua comunidade, que tem consciência de seus direitos e deveres, que zela pelo cumprimento das normas estabelecidas, que vigia para que elas não sejam excessivas, que se preocupa com o bem estar social, tomando parte ativa nos destinos da polis. Lendo essa prosa quase completa, conclui-se que Léo Lince foi um cidadão, na mais legítima acepção da palavra, e exerceu a cidadania principalmente nas páginas do jornal (ARAÚJO, ARAÚJO, 2003, P).

Para alguns escritores goianos, o caminho que consagrou obras e autores regionais no passado ainda se apresenta como uma forma de consagração da carreira e de conquista de reconhecimento para além das dimensões locais e regionais a que se mantém vinculados pela escritura. Nesse sentido, a literatura local apresenta-se como uma tradição e um meio de alcance de reconhecimento literário e mantém o escritor fiel às realidades sobre as quais escreve. A explicitação dos motivos pelos quais determinados autores adotam certos lugares em Goiás como inspiração para os seus textos – ficcionais ou não – vem muitas vezes endossada pela frase do escritor russo, transcrita de diferentes formas: “se quiser ser universal, descrevas a sua aldeia” ou senão, “pinte a sua aldeia”. Os exemplos de autores do passado, como Hugo de Carvalho Ramos e Bernardo Elis que lembram a instauração de uma tradição, são sempre apontados como um caminho a ser seguido.

Reportando-nos ao tópico anterior deste capítulo, lembramos que, encontramos o mesmo sentido em frases de Vianna Moog (1966, P9) em sua análise sobre os escritores e a literatura brasileira: “Para ser grande e universal, Shakespeare não precisou renegar a sua ilha, nem Cervantes a sua Alcalá de Henares, nem Dante a sua Florença. Foram todos de sua terra e do seu tempo”.

A aldeia representa um lugar, que pode ser tanto uma localidade, uma região geográfica quanto o estado, e demarca uma relação de fidelidade do escritor a um espaço que, muitas vezes, é a sua terra natal. Em todos os casos, essa idéia de aldeia afirma, para o escritor, a particularidade como um meio de alcance de outras dimensões no campo literário. Para os lugares retratados, objetos de uma descrição geográfica e cultural, mais do que um conhecimento e reconhecimento do espaço desconhecido, essa idéia

também envolve a relação com outros espaços e a própria constituição desses espaços. Essa questão remete à capacidade da literatura de construir espaços e evidencia uma relação do escritor com os lugares. A discussão remete não apenas à positividade de um regionalismo na literatura goiana, considerado inevitável para o reconhecimento da literatura aqui produzida, mas à relação objetiva do escritor com uma realidade.

O sudoeste recriado por Basileu Toledo França

Além de *Pioneiros*, mais duas obras do escritor Basileu Toledo França compõem o que ele próprio considera a “trilogia do sudoeste”: *Capangueiros e jagunços* e *Triângulo dos diamantes*.¹⁰ No entanto, toda a sua bibliografia, com exceção dos trabalhos realizados em São José do Rio Preto, traz as terras sudoestinas como lugar de referência para a escritura. Do estudo que realizou em 1959, quando exercia o cargo de assessor de educação e cultura do governo de José Feliciano Ferreira, resultou a publicação *Sudoeste: tentativa de interpretação*.¹¹

Esse estudo de França traz uma descrição abrangente e delimitada do espaço sudoestino, incluindo os aspectos geográficos (paisagem, geologia, solo), econômicos, históricos e socioculturais. Não se trata de obra ficcional, mas de um ensaio histórico-sociológico com um caráter técnico e fortes influências da interpretação geográfica. A descrição da região sudoeste apresentada nesse trabalho tem como uma de suas principais fontes, além das informações históricas provenientes de estudos do próprio autor, as pesquisas realizadas pelos geógrafos Aziz Nacib Ab’Sáber e Miguel Costa Júnior. Esses pesquisadores percorreram a região sudoeste em 1948 em viagem de estudos e produziram dois artigos com base em observações de campo.¹²

Os pesquisadores descrevem o sudoeste circunscrito à sua própria individualidade, segregado cultural e economicamente, numa situação caracterizada como *marginal* em relação às zonas pioneiras paulistas que prosperaram em função das ferrovias, do café e do algodão. A ausência de centros consumidores, a pobreza do solo, a aspereza do clima, a pobreza das técnicas de exploração, do povoamento (baixa densidade demográfica), dos núcleos urbanos e de redes de comunicação e transporte constituem os aspectos negativos que entravam o desenvolvimento regional.¹³

As análises dos geógrafos ajudam a fundamentar a interpretação de França sobre a unidade do sudoeste de Goiás. Para França, a região sudoeste pode ser interpretada como uma unidade geográfica e cultural, apesar das diferentes sub-regiões que compõem o seu território. A idéia de uma unidade, segundo

¹⁰ Ver a entrevista de França publicada na revista Brasil Oeste. (FRANÇA, 1986).

¹¹ Esse estudo, considerado pelo autor como uma síntese da região sudoeste de Goiás, realizou-se a pedido do governo do estado e teve como objetivo justificar, perante os técnicos da estrada de Ferro Araraquara, que visitaram a região, a continuidade da ferrovia em território goiano. Na entrevista que concedeu para este trabalho, França relatou que a sua participação nessa questão de estado não se restringiu à elaboração da síntese sobre o sudoeste e que atuou politicamente na defesa da extensão dos trilhos da ferrovia para Goiás.

¹² Ver Ab’Sáber e Costa Júnior (1950) e também Ab’Sáber e Costa Júnior (1951).

¹³ As análises de Ab’Sáber e Costa Júnior sobre o sudoeste vão ao encontro dos anseios políticos governamentais de promover o prolongamento da estrada de ferro para essa região e das idéias correntes na época que firmavam a importância da ferrovia para o desenvolvimento regional. A ausência da ferrovia é vista, por esses geógrafos, como um entrave ao progresso da região.

França, coaduna com a existência de zonas diferenciadas que ele nomeia como sub-regiões: do Paranaíba, do Araguaia, do Aporé e das Pastagens. Para cada sub-região, França constrói peculiaridades, abrangendo todos os aspectos da realidade. Além dessa demarcação espacial, a síntese de França inclui a análise histórica do sudoeste e divisão temporal em períodos de desenvolvimento constituídos por acontecimentos e nomeados por ele: *período heróico, período de consolidação, período de transformações político-sociais e o período de Brasília*. No estudo do povoamento do sudoeste, que teve início, segundo esse intérprete, a partir de 1820, há igualmente quatro subdivisões cronológicas: a primeira seria *da pré-história até 1918*, com a chegada do automóvel; a segunda, ou *de consolidação*, compreende o *pós-guerra até 1930*; o terceiro corresponderia ao período de o *surgimento de Goiânia, até 1957*, e o quarto e último, o *período de Brasília*, com o advento da capital federal.

Além dos geógrafos citados, nesse texto, França busca elementos para sua fundamentação interpretativa em autores com seus escritos, contribuíram para a história da região, como Saint Hilaire, Visconde de Taunay e o poeta Leo Lynce. A partir da afirmação da unidade sudoestina, França interpreta as situações vividas pela região em relação às demais regiões do estado antes da construção de Goiânia. A situação de segregação geográfica, econômica e cultural do sudoeste no estado de Goiás, também afirmada por Ab'Sáber e Costa Júnior, é invocada por França para explicar as estreitas vinculações do sudoeste à Minas Gerais e o afastamento de Goiás por um longo período de sua história particular. Para esse escritor, a integração da região à Goiás iniciou-se após a mudança da capital para Goiânia. A segregação do sudoeste e sua posterior integração são, portanto, fatores importantes na construção de sua especificidade histórica e cultural. É possível afirmar, baseado nas explicações desse escritor, que a construção do sudoeste, a partir de um determinado período de sua história, se faz pela sua exclusão (política e cultural) de Goiás. A situação geográfica de isolamento do sudoeste em relação à Goiás e sua proximidade física à Minas Gerais e São Paulo são tomadas por França como fatores que determinaram a formação de uma unidade cultural sudoestina com características mais mineiras que goianas. No entanto, a exclusão político-cultural é, segundo ele, o que impulsionou uma histórica “mudança de rumo” que integrou a região definitivamente ao estado.

Seguindo um dos princípios constantes de suas interpretações sobre o sudoeste de Goiás, de que é a “geografia que faz a história”, França descreve a região detalhando inicialmente os seus aspectos físicos (geológicos, climáticos, pedológicos), apresentando, em um primeiro momento, a situação geográfica para depois inserir a análise histórica. França adota a interpretação dos

geógrafos Aziz Ab-Sáber e Miguel Costa Júnior, que identifica uma individualidade geográfica na área sudoestina, e incorpora ao seu estudo as distinções estabelecidas pelos geógrafos paulistas. A primeira imagem do sudoeste que sua interpretação de França nos transmite é a de uma vasta área geográfica, cujas fronteiras com Mato Grosso e Minas Gerais permitem ter uma característica de formação heterogênea, tanto geográfica quanto sociocultural.

A divisão interna do sudoeste em sub-regiões segue uma sistematização descritiva que se caracteriza pela complementaridade inter-regional, como se constituíssem totalidades menores da região mais ampla. Tais delimitações não carregam as mesmas características da demarcação mais ampla do sudoeste. Elas não se opõem significativamente entre si, como ocorre quando o sudoeste é comparado com outras regiões goianas. França não estabelece comparações valorativas, que indiquem uma hierarquia substantiva entre as áreas internas descritas.

No entanto, no quadro das sub-regiões, configura-se a centralidade da região de pastagens e sua caracterização como a área genuinamente sudoestina. A interpretação de França elege a região “do império do boi”, onde, segundo ele, predominou um modo de vida mais homogêneo e um povo diferenciado pela atividade econômica que ali se desenvolveu de uma forma mais absoluta. A predominância da pecuária – a atividade original do início do povoamento – é o que distingue a região de pastagens das demais áreas internas ao sudoeste.¹⁴

A não identificação de uma oposição significativa entre as sub-regiões não elimina, contudo, a generalização para todo o sudoeste, do modo de vida que se desenvolveu na micro-região de pastagens. A interpretação de França, ao mesmo tempo em que constrói especificidades em áreas geográficas menores do sudoeste, como integradas a uma totalidade, não incorpora tais especificidades à história regional mais ampla. Em consequência, a delimitação do espaço interno do sudoeste em sub-regiões não se desdobra, satisfatoriamente, em diferentes historicidades sub-regionais. Apesar da identificação de áreas diferenciadas, as caracterizações histórico-temporais não se individualizam a ponto de fortalecer as delimitações espaciais. Dessa forma, a subdivisão de França tem o sentido mais de complementaridade do que de divisão sociocultural e histórica, propriamente dita. Pode-se identificar, nessa interpretação de França, o que Rosa Maria G. Silveira considera como a “entificação e autonomização do espaço”, encontrada em interpretações que, ao partirem da construção do espaço já dado *a priori* – a idéia de região traz essa característica – promovem a separação entre a espacialidade e a historicidade (SILVEIRA, 1990, P. 17 – 42).

¹⁴ Ver mapa da região elaborado França no anexo deste capítulo.

O destaque do processo evolutivo do sudoeste que a interpretação de França indica traz, para discussão, o assunto da integração da região à realidade de Goiás. A análise histórica encaminha o fluxo dos acontecimentos para um momento em que o sudoeste, sucumbido no seu isolamento geográfico, que o deixa sob a influência de outros estados da federação, passa a assumir um lugar na realidade goiana. Noutros termos, poder-se-ia dizer que a geografia perde força na definição do destino “natural” – definido pelo povoamento passando os acontecimentos históricos a definir a sua integração – principalmente política – a Goiás. A construção de Goiânia e Brasília, a revolução de 30 e a participação dos sudoestinos nesses acontecimentos são eventos que definem a integração.

Para o escritor B. T. França, a situação de isolamento do sudoeste, sempre lembrada em seus escritos, deixava a região econômica e politicamente numa condição subalterna, antes da construção de Goiânia. Se, por um lado, a proximidade de Minas Gerais estreitava o sudoeste às melhorias do “mundo civilizado”, no campo econômico e político, permanecia uma região marginal já que estava ligado legalmente a Goiás e dependia das iniciativas governamentais estaduais para a melhoria da infraestrutura, a fim de incentivar a economia regional, tais como: estradas e ferrovias.

Nesse aspecto da relação com a capital da época, uma característica regional ajuda a construir a atitude dos sudoestinos em face da ausência de colaboração do estado, decorrente do próprio isolamento regional. Segundo França, a região sudoeste sempre se comportou de forma independente do estado, procurando resolver suas questões internas de forma individual e privada. Nessas resoluções, a qualidade da população e de seus “líderes” não deixou a região sucumbir.

A particularidade do sudoeste é também construída pela comparação com outras regiões do Estado. A distinção realizada por França ajuda a construir elementos de superioridade cultural circunscrito ao sudoeste, utilizando diferentes elementos comparativos. Segundo França, os contatos com as regiões “mais desenvolvidas” (econômica e culturalmente) do país contribuíram para a formação de uma cultura “aberta para o progresso”, para o novo e de uma forte consciência de independência. Importante assinalar que essa construção não se detém a caracterizar tipos regionais e suas aproximações culturais com outros estados mais desenvolvidos economicamente – que ocorre quando ele aproxima o sudoestino ao gaúcho.

França não deixa de considerar que o surgimento do estado de Goiás faz um corte numa área contígua e integrada. Antes do estabelecimento dos limites fisiográficos de Goiás com Minas Gerais, a região sudoeste estendia-se dentro

do atual território mineiro e manteve-se como uma área integrada pelas relações econômicas e socioculturais dos habitantes de ambos os estados. A interpretação de França sobre as relações Minas – Goiás faz sentido dentro de uma análise regional sobre as conseqüências do estabelecimento das fronteiras político-administrativas e geográficas em regiões do Brasil. É importante observar, contudo, que é a identidade mineira que é buscada como passado regional e não como sendo desde sempre parte de uma formação goiana. Importa também observar que a relação com Minas Gerais faz-se de fora para dentro de Goiás é, portanto, uma via de mão única. A relação com Mato Grosso é um desdobramento desse processo inicial e corresponde à continuidade das ações expansionistas dos pioneiros, que já haviam se apossado das terras em Goiás. A partida para as terras mato-grossenses tem origem em Goiás, portanto, de dentro para fora.

Se, conforme França apresenta, o sudoeste é uma unidade geográfica e cultural, vale a pena pensar sobre os elementos que o unificam. As especificidades destacadas por esse escritor, tais como a origem comum dos primeiros povoadores, a atividade econômica original de sua formação, a relação com a cultura de outros estados e as características geográficas e culturais, constroem uma única historicidade que coincide com o espaço delimitado. As microrregiões imprimem uma descontinuidade espacial no interior da própria região e as histórias das localidades apresentam a relativização da historicidade. Vale a pena, então, ponderar sobre como qualificar as diferentes histórias produzidas, no espaço de prevalência de uma história regional hegemônica. Assim, é apropriado questionar como tais histórias particulares lidaram com as primeiras formulações da história regional e como os escritores, mais recentemente, têm construído as diferentes histórias do sudoeste e lidado com a carga histórica incorporada a esse espaço. A noção de *aldeia*, permanentemente encontrada na literatura local e regional afirma os lugares como referência para a escritura e estabelece um contraponto às construções de espaço mais generalizantes.

ABSTRACT: This work deals with the Goiana literature, and especially, in the texts referring to the Southwest of Goiás as a symbolic space of recognized cultural specificity. We started from the identification and discussion of the categories that based the interpretations of the Literary History of Goiás, showing the influence of the Geography and the approaches of the Brazilian Literary History in the delimitations of the spaces and Goiana cultural productions, and then focusing the emblematic interpretation of Basileu Toledo França in the Southwest: Interpretation Attempt. França's work reveals the particular construction of the southeastern space and the institutional and political bonds that were present in its elaboration. It also shows how that writer's intellectual purposes of accomplishing research and literature find the reality of the Southwest of Goiás.

Key-words:
Symbolic of spaces and places, Goiana literature, local writers.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JR. Durval Muniz. *A invenção do Nordeste*. São Paulo: Cortez, 2001.

BOURDIEU, Pierre. A identidade e a representação. Elementos para uma reflexão crítica sobre a idéia de região. In: *O poder Simbólico*. Lisboa: Bertrand Brasil/Difel, 1989.

DOSSE, François. O recurso geográfico dos historiadores. In: *História e Ciências Sociais*. Bauru: EDUSC, 2004.

JACINTO, Andréa B.M. J. *Margens escritas: versões da Capital antes de Brasília*. Tese de doutorado. PPGAS, Brasília: Editora da UnB, 2003.

SAID, Edward W. *Orientalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. *Cultura e Imperialismo*. São Paulo, Cia das Letras, 1995.

_____. O papel público de escritores e intelectuais. In: *Cultura e Política*. São Paulo, Boitempo Editorial, 2003.

VIDAL E SOUZA. Candice. *A pátria geográfica – sertão e litoral no pensamento social brasileiro*. Goiânia: Editora da UFG, 1997.

WILLIANS, R. *O campo e a cidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

RODRIGUES, Cintya Maria Costa. Histórias sobre lugares, histórias fora de lugar? Os escritores e a literatura do sudoeste de Goiás. Campinas-SP: Unicamp/PPGCS/Tese de doutorado em Ciências Sociais, 1996.

VENTURA, Roberto. *Estilo tropical: história cultural e polêmicas literárias no Brasil, 1870-1914*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.